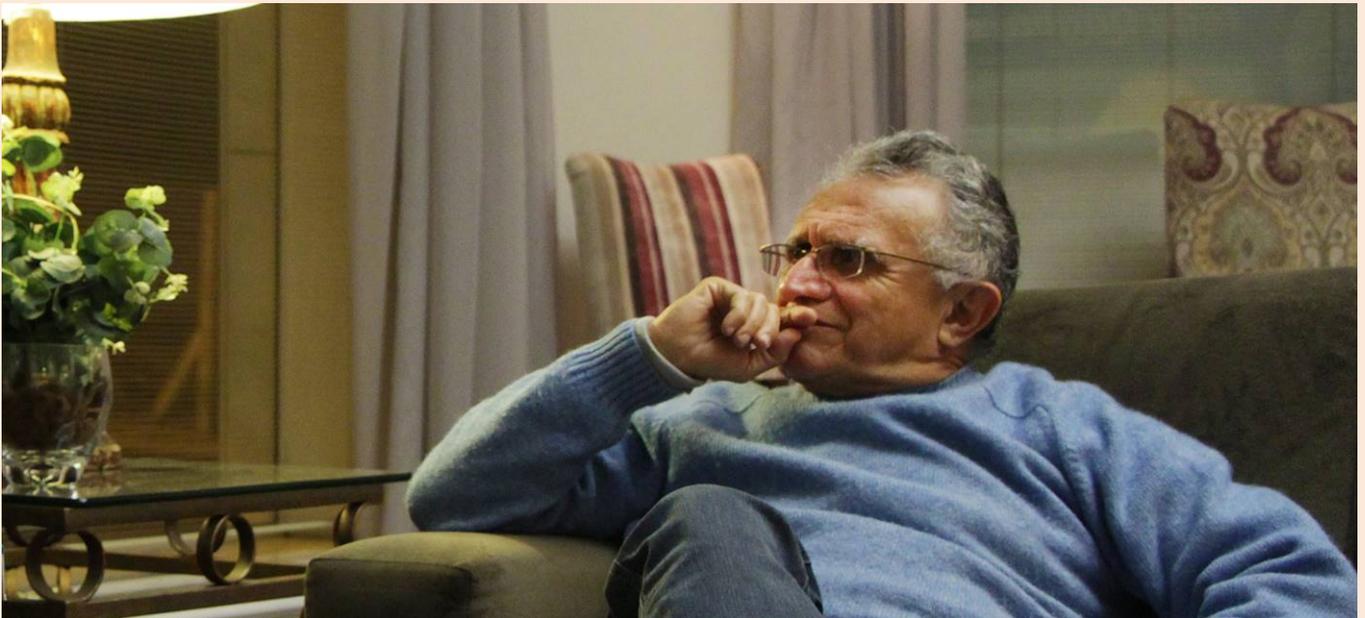


Do rádio de pilhas ao smartphone: maio de 1968 a junho de 2013

Entrevistado nesta edição da Pauta Geral, Antonio Fausto Neto, faz uma reflexão sobre a midiatização e seus impactos no jornalismo. Ele falou sobre as estratégias de mediação jornalística na cobertura de acontecimentos complexos, como as manifestações de junho de 2013¹



Elaine Schmitt/Pauta Geral

*As pesquisas e reflexões de Antonio Fausto Neto, da Unisinos (Universidade do Vale do Rio dos Sinos), oferecem ao campo jornalístico uma aproximação do conceito de midiatização e ajudam a pensar o jornalismo diante de mudanças que vão da produção ao consumo de notícias. Nesta edição da **Pauta Geral**, o pesquisador compartilha com os leitores reflexões e posicionamentos em torno de conceitos chave para se pensar a pesquisa em jornalismo na atualidade.*

Como efeito do surgimento das recentes – pelo menos 40 anos – tecnologias da comunicação, materializadas em dispositivos e convertidas em meios, ocorrem mudanças nas lógicas informativas. Audiências participativas e jornalistas interativos buscam nesse cenário manter os contratos entre leitor e mediador. Captar o que está acontecendo e conceituar o jornalismo que ganha novos contornos, dimensões, características são desafios dos pesquisadores, no entendimento do autor entrevistado.

¹ Entrevista realizada pelo aluno de Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa Cléber Molleta.

Fausto apresentou seu entendimento do conceito de midiatização como uma processualidade. Falou sobre a pós-internet e fez críticas ao modo como o conceito de convergência vem sendo trabalhado em pesquisas da área de comunicação. Mudanças no contrato entre as mídias tradicionais e o leitor, agora atravessadas por diversos dispositivos interativos, e a necessidade de revisitar as teorias e rever metodologias e ferramentas jornalísticas para narrar e apreender os acontecimentos também foram temas da conversa, apresentada a seguir em forma de entrevista.

Pauta Geral: Bastante discutido e utilizado nas pesquisas em comunicação atualmente, o conceito de midiatização tem variações de interpretação entre autores. Como o senhor conceitua midiatização?

FAUSTO: Eu estou em um contexto de um programa de pós-graduação² que reúne quatro linhas dentro das quais uma se chama Midiatização e Processos Sociais. Para nós este conceito é de natureza processual e histórico, considerando a hipótese de que a midiatização tem um largo período. Basicamente ela se configura no momento em que a técnica se coloca como uma intermediação, nas relações entre humanos e, ao constituir esta interposição, ela adquire uma competência de propagar, irradiar, multiplicar registros, organizar contatos, de uma forma sistemática daquilo que se passa na sociedade. No momento em que os fenômenos de sentido são exteriorizados através de materialidades mecânicas, instaura-se um processo de

2 Linha de pesquisa Midiatização e Processos Sociais, do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Unisinos (Universidade do Vale do Rio dos Sinos)

midiatização. É preciso entender que a midiatização é um processo longo, tem várias etapas, mas o que nos interessa como objeto de estudo diz respeito a fenômenos mais recentes relacionados com o aparecimento de processos midiáticos, em caráter industrial, digamos assim. O primeiro deste período é caracterizado pela sociedade dos meios, na qual e no interior da vida dos campos sociais, os meios de comunicação têm a centralidade³ de superintender as interações sociais, no sentido de oferecer uma simbólica para representar e ler o mundo. Esta etapa é muito longa, é desde quando se inventa o jornalismo como atividade autônoma e persistente. Você tem a configuração de uma fisionomia de comunicação marcada por esta mediação técnica sistemática, que passa pelas mãos de especialistas, de organizações privadas e públicas, em que os peritos, chamados de jornalistas, se encarregam desta tarefa diuturna de produzir o relato da atualidade. Este período antecede o que hoje é uma outra fase do processo de midiatização, que não tem mais do que meio século. No

3 O entrevistado fez referência as pesquisas de Adriano Duarte Rodrigues.

momento em que o fenômeno técnico se expande, intensa e celeremente, para a sociedade e afetando todas as práticas sociais, independente de quais sejam as características, como educação, religião, política, na medida em que todas as práticas sociais são permeadas por operações técnicas, por esta cultura técnica chamada comunicacional, você tem como resultado a emergência de um outro desenho de organização social. A condensação deste 40 anos, toma corpo na internet.

A midiatização significa o desenvolvimento célere de tecnologias convertidas em meios, segundo práticas de produção e de recepção de mensagens, afetando todas as práticas sociais, ainda que de modo diverso. Então, desaparece ou esmaece esta centralidade dos meios, porque todo o trabalho de produção, de codificação, de elaboração de protocolos de comunicação, já não está mais nas mãos desta instância de mediação, dos 'peritos' do campo midiático. Não é que o campo desapareça, mas esta singularidade que marcava o campo midiático se expande para os lados, tanto para o lado das instituições, como para o lado dos atores, fazendo com que o funcionamento da organização social, passe largamente e intimamente pelas operações e pela cultura de mídias. O que significa dizer que há uma mudança qualitativamente importante na própria organização social. Se ela estava organizada em estruturas, segundo uma gestão de caráter temporal, num mundo

de referências fortes, esta organização sofre largamente esta interferência expansiva de tecnologias convertidas em meios, produzindo um novo desenho de sociedade, que opera segundo lógicas muito menos econômicas, muito menos lógicas, afins a inteligibilidades dos próprios campos sociais, e passa a operar fortemente segundo lógicas e operações de comunicação.

PG: Neste cenário atual, é possível pensar em pós-internet?

FAUSTO: É difícil ir além de cenários, das especulações. Eu acho, particularmente, que uma questão forte que precisa ser estudada de uma maneira muito mais próxima, para poder se entender o que é a pós-internet, refere-se a todos estes efeitos que decorrem das manifestações da internet. Eu acho que tem um discurso muito vazio sobre isso e muito apologético, como se a internet fosse uma estrutura lisa, sem percalços, como se a própria dinâmica social não repercutisse sobre ela. Pelo contrário, a internet vira agora um campo, onde vai se dar a batalha campal da disputa de sentidos, com deslocamentos que os campos sociais fazem para lá de suas práticas. Então, é preciso qualificar esta discussão, no sentido que o modo de existência das técnicas não operam de modo automático, os processos de legitimação das técnicas decorrem de embates que ocorrem no interior das práticas dos campos sociais. E segundo, são realidades distintas. Por exemplo, ouço

muito se falar do conceito de convergência. Lendo as teses sobre esse tema, sobre esse cenário atual, destaca-se um grande ideólogo desse conceito que é o Henry Jenkins⁴.

Esta discussão é muito central, porque a gente está estudando a oferta, esta articulação entre informática, telecomunicações e o audiovisual, que de fato tem os ditames das lógicas industriais, da organização desta oferta tecnológica, mas quando esta oferta dissemina-se, o tecido social apropria-se da convergência de um modo distinto e segundo dinâmicas e lógicas completamente distintas daquelas sobre as quais se fundou a sua oferta. Existe uma defasagem da convergência enquanto oferta e a prática daquilo que é a oferta da convergência. Por exemplo, os leitores se apropriam e dão destinos a fenômenos de convergência segundo operações que nós não sabemos *a priori*.

Por que as mídias estão preocupadas em remodelar os seus contatos com a sociedade, com os atores, com os receptores? Porque estes não precisam mais desta chancela autorizativa para consumir os produtos em oferta. Os receptores estão em circuitos nos quais a lógica dos mecanismos produtores de notícias não controlam mais, eles migram para vários lugares sem pedir licença. Como consequência, é preciso buscar o leitor

onde ele estiver. Quando o Jornal Nacional⁵ muda o cenário e faz o Willian Bonner 'mexer' o corpo, tudo tem a ver com esta luta dramática para os meios tradicionais que é conservar um padrão de fidelidade de um contrato de leitura que os leitores não podem mais sustentar, porque eles não lidam com a convergência nos moldes como a convergência é pensada, homogênea. Eles fazem da convergência alguma coisa em divergência, destinando à comunicação, o consumo, o uso e a apropriação que a cultura do âmbito midiático de produção de mensagens não está preparada para compreender e avaliar. A cultura dos meios não tem uma sensibilidade avaliativa de compreender o que é que significa esse fenômeno.

PG: Os meios não têm métodos para atender o leitor?

FAUSTO: Há sim métodos que se inspiram *no marketing*, etc. Mas seus desenhos e princípios reúnem uma baixa elaboração do que significa pensar a relação produção/recepção fora de uma teoria linear de causa e efeitos.

4 Pesquisador estadunidense, autor de Cultura da Convergência (ALEPH, 2008)

5 Telejornal apresentado pela Rede Globo de televisão.



Elaine Schmitt/Pauta Geral

PG: E mantém o mesmo modo de produção, sem considerar que a audiência mudou?

FAUSTO: Pensa o 'contrato comunicacional' como se as posições de produção/recepção se mantivessem fixas. Com a recepção, a espera do jornal do dia, do telejornal da noite, do programa radiofônico do meio dia. Hoje os atores estão se mexendo, porque se

transformam operadores da própria programação, e os dispositivos de comunicação não têm estratégias de captura-los porque eles escapam, eles estão numa instabilidade, numa migração muito peculiar.

PG: Nesse contexto, o acesso do jornalista às fontes fica facilitado? Os meios estão aproveitando estas ferramentas?

FAUSTO: A internet produz uma mutação importante naquilo que seria o nosso acesso ao conhecimento e ao outro. A nossa relação com o conhecimento é facilitada por todo esse processo de acesso, de ferramentas que você pode acessar não importa onde. Eu acho que a repercussão sobre o jornalismo é que tudo isso muda a lógica da atividade jornalística, tanto no que diz respeito às condições de produção da notícia, quanto a relação dos jornalistas com a sociedade. Porque a própria produção do acontecimento não é um fenômeno que se faz com os ingredientes com que nós descrevíamos as teorias da notícia que fazíamos há 30 anos. Quando nós abríamos os manuais de redação ou os manuais de jornalismo, quando se concebia o acontecimento, ele era definido por uma temporalidade e uma dinâmica em torno de uma relação de fontes em que havia um processo de apuração, as fontes estavam a espera dos jornalistas, havia toda uma lógica de processo produtivo que parece estar muito acossado por uma nova lógica, em tempos de midiatização. Os

acontecimentos resultam hoje muito mais de lógicas complexas. Relações que não dependem somente de uma agenda com outra agenda, mas de multiplicidades de agendas cujas dinâmicas não são dominadas a priori. Então, os acontecimentos passam em situações muito distintas daquilo que nós descrevíamos no final de décadas passadas. O que isso tem a ver com o jornalismo? De um lado, assim como nós, os jornalistas, os comunicadores, estamos acossados por esta mutação e, como eu dizia, com todas estas práticas sociais acossadas por estas mutações também, significa dizer que, as nossas fontes lidam em termos de lógicas, com os mesmos problemas que os jornalistas enfrentam do ponto de vista da compreensão do que seja noticiabilidade hoje. Manejam equipamentos, editam.

Outrora colocaram serviços de comunicação dentro de suas empresas, foi um passo dessa realidade da sociedade dos meios, hoje essa ecologia midiática é muito mais sofisticada a ponto que há uma simetria do domínio de operações, daquelas operações que o jornalista domina, e a mesma coisa por parte das fontes e de certa maneira também os atores sociais. Não é que tenha desaparecido as instituições jornalísticas, há uma convivência de velhos e novos meios, evidente. Mas, os ingredientes do processo de produção não estão apenas nas mãos dos núcleos de produção clássicos como as instituições jornalísticas.

PG: você não vê uma certa simetria entre uma capacidade de manejo dos dispositivos tecnológicos por parte da sociedade de forma geral? Um apagamento daquilo que se entendia como uma sociabilidade direta, ofuscando a capacidade da sociedade se organizar pelas maneiras anteriores?

FAUSTO: Eu acho que esta vertente reflexiva é uma vertente minoritária. Pelo contrário, se você pega as manifestações no mundo que aconteceram nos anos 2000, até aqui, no Brasil, elas são todas atravessadas por uma compreensão apologética, mais otimista, portanto, da potencialização das tecnologias. Todos os discursos que a gente viu, ou na Europa, ou no Oriente Médio, ou no Brasil, de alguma maneira o efeito dela é a transformação da mediação jornalística das condições até então desenhadas. Por exemplo, se você observa as manifestações de junho de 2013, elas giram em torno desse discurso altamente emulativo sobre as tecnologias, as tecnologias convertidas em meios: 'Nós fazemos a nossa comunicação', 'por e para que intermediário?', 'Para que mediador?', 'As fontes somos todos nós?' Todos esses discursos que de alguma maneira remetem para um fenômeno emergente, mas que ao mesmo tempo produzem interrogações. Para exemplificar a transformação do acontecimento, os jornalistas estão vivendo uma mutação muito grande, enfrentando cenários complexos porque alguma coisa que passava por esse

poder de referenciar o mundo, nomear, ler, classificar, de fato não está mais somente na mão desse campo e dos seus profissionais, e está na mão da sociedade. Significa dizer que quando o Jornal Nacional noticiou as manifestações, ele o fez segundo uma pré-figuração, um espelho de cobertura.

O que que acontece? No dia 20 de junho, quando o Willian e a Patrícia⁶ abrem o jornal, dizem: “olha, somos obrigados a reconhecer que a edição do jornal estará totalmente modificada... estamos a deriva dos acontecimentos...”.

Quer dizer, os acontecimentos estão organizados segundo metodologias para as quais nós não estamos preparados metodologicamente para descrevê-las, para apreendê-las. As nossas metodologias, ainda que de alta performance, apurar, ouvir, escrever, fotografar, filmar, tudo isso, reúne operações que não davam conta desse funcionamento de aglomerações momentâneas, que talvez tivessem parte do domínio destas tecnologias, mas de uma grande dimensão dos problemas, talvez em termos. É um processo experimental emergente ali. Mas como a mídia não poderia jamais perder esse lugar de narração, de nomeação, e de referenciar o mundo, o que é que ele faz? Como o telejornal não pode cobrir, por vários motivos e, um deles é a

segurança⁷, ele fecha o circuito do jornal entre ele - o ancora- (Willian Bonner) e jornalistas. Fica ele na bancada coordenando a intervenção de jornalistas que estavam cobrindo as manifestações em diferentes lugares, estabelecendo o que eu chamo de uma conversação interpares, eles conversam sobre o acontecimento, porém jamais permitiam que mesmo no *off*, os ruídos das manifestações emergissem, não deram a voz, não deixaram ninguém subir, emergir. Foi um discurso de impressão, 'eu acho que', 'eu penso que', e tem um momento que um colega dele diz: 'Bonner, com quem que a gente vai falar agora?' Ou seja, ele estava falando em duplo sentido, como eles estavam falando entre eles, com quem eles fariam naquele momento, mas num outro sentido, com quem a gente vai falar agora, fora do circuito da produção do telejornal? Vamos ficar entre nós mesmos? Ou vamos abrir o microfone para o homem ordinário, lá na Praça dos Três Poderes, lá em São Paulo, na Paulista, etc. Qual a tensão: o jornalista não pode perder o objeto, se o jornalista perde o objeto, que é o acontecimento, o jornalismo desaparece, vira literatura, que é outra coisa. Para não perder, eu preciso fazer conversões no ar, 'consertar o avião no ar', e um desses

6 Referência a Willian Bonner e Patrícia Poeta, na época, apresentadores do Jornal Nacional.

7 Houve registros de que jornalistas foram impedidos de realizar a cobertura nas manifestações de junho de 2013. Alguns chegaram a ser agredidos e alguns meios de comunicação recuaram e não enviaram repórteres para as manifestações.

consertos é justamente estabelecer a conversa autorreferente, esse modelo de conversa interpares.

“Nós temos que estudar o acontecimento hoje com outras ferramentas e fundamentos. Temos que abrir os manuais de redação, os textos de Teorias da Notícia, e discutir o que ainda prevalece como aconselhamentos úteis para nossa formação”

PG: Em 2013, o Mídia Ninja se tornou também uma referência para acompanhar o que estava acontecendo. No seu entendimento, eles fizeram melhor o papel da mídia jornalística?

FAUSTO: Não se trata de fazer melhor ou pior. Se trata de reconhecer que eludiu a mediação, e a modalidade Ninja se caracteriza como outro mediador. Não é verdade que agora é tudo direto, todo mundo fala para todo mundo. Por que a Mídia Ninja é um mediador? Ela faz o recorte de alguma coisa segundo algumas razões e certos argumentos. Efetivamente do ponto de vista de 'desmanualizar' a informação, tirar a informação de certos padrões já cristalizados, os ângulos de olhares, o reencontro com o *New Journalism*, o reencontro com outros formatos que é uma apuração qualitativamente centrada na acessibilidade de ouvir a fonte falar, ou seja, é uma noção mais extensa de

interação sem dúvida. É um nicho que faz a mediação, tem compromissos com os modelos de mediação, e dentro desse compromisso uma certa expansão, uma certa abertura, com a sociedade, com atores, etc. Se isso se traduz como melhor jornalismo, poderíamos dizer que sim, no sentido de que há uma sensibilidade com o modelo de apuração em que pesam menos impressões dos jornalistas enquanto capital da noticiabilidade, pesam menos os valores-notícia lá configurados pelos manuais, etc, e mais uma experimentação de interação que certamente é distinta.

Eu acho que as grandes aglomerações, que se reúnem momentaneamente, são irrupções não muito diferentes de irrupções dos anos 1960,1970. Eu estava na França em 1968, lá, estava todo mundo com o 'rádinho' de pilhas na mão, acompanhando as manifestações de rua pelas rádios periféricas do sistema oficial, da rádio pública. Ou seja, lá, o rádio, dispositivo, fazia um enlace entre a sociedade e o midiático. Claramente estava a serviço de uma monitoração e a sociedade tomava aquilo como um instrumento de avaliação, para onde está indo isto aqui? Veja a mudança: todo mundo ouvindo alguma coisa sobre a qual esta massa não era produtora da informação relatada. Aqui (junho de 2013), todo mundo com um cartaz, cem mil pessoas com um cartaz na mão, com uma pauta gigantesca, um cartaz, celular, redes social, etc. Então, isso tem uma outra lógica, as tecnologias quando

são convertidas em meios e apropriadas por cada um de nós e movimentadas segundo nossas práticas e nossas motivações, cria uma outra ecologia imensa e, sobretudo, uma outra repercussão sobre aquilo que é matéria-prima do trabalho do jornalismo que envolve as tecnologias, as metodologias de relatar acontecimentos. Como é que lidamos com acontecimento hoje? Nós temos que estudar o acontecimento hoje com outras ferramentas e fundamentos. Temos que abrir os manuais de redação, os textos de Teorias da Notícia, e discutir o que ainda prevalece como aconselhamentos úteis para nossa formação. É preciso observar empiricamente estas coisas que estão acontecendo e estão muito perto do nosso mundo.

PG: Trata-se também de uma questão de credibilidade na mídia tradicional?

FAUSTO: O jornalismo é uma instituição a qual a sociedade recorre, seja por expedientes autônomos, seja por expedientes induzidos, recorre a sua mediação, ou recorreu até agora. É preciso estudar como se constrói esse apego hoje. Se você toma a questão dos comentários que os meios abrem para a sociedade falar, os comentários representam apenas uma espécie de janela dinamizadora de ordem de acesso. Ou seja, é possível aceder aos jornais desde que se respeite algumas regras e depositar os comentários ali. Mas, é certo, por outro lado, que os

jornais não têm dispositivos de tratamento disso, isso é um dado de realidade. Por outro lado, é sabido que 'franjas' imensas de leitores, de atores, compreendem, apreciavelmente, elementos desta cultura jornalística atual. Quando eles mandam comentários, eles se referem a aspectos internos, nós achamos que os leitores fazem críticas, desaforos, etc. Não, existem comentários excelentes que entram na lógica da noticiabilidade. Ou seja, há uma parte dos leitores que entraria, se houvesse, nesse debate de qualidade da informação.

Agora, o grande problema, nesse contexto no qual as mídias tradicionais perdem ou podem perder o protagonismo, envolve: quais os passos que elas darão no sentido de terem consigo a lealdade e a fidelização do leitor. Esse é um desafio que repercute sobre o negócio da comunicação, sobre os ideais de uma organização, suas metas políticas, etc. Sobre o descrédito, não é verdade que ele apareça assim de uma forma tão explícita, porque se você fica na sintomatologia das formas como a sociedade recorre aos sites, aos meios de comunicação, você vê que há uma busca de mediação. Podemos até dizer que esta busca é equivocada, as respostas são equivocadas, mas eu acho que a sociedade continua recorrendo a ela, até porque é mais fácil você futricar a vida de um jornal do que você marcar uma audiência com um governador, um ministro de Estado, etc.

O problema é que esta possibilidade de mediação pessoal impele uma ansiedade, uma velocidade que às vezes você coloca no processo a eleição de procedimentos odientos, às vezes apela-se para processos que fogem dos hábitos da dinâmica social democrática. Esta coisa da performance pessoal, do fazer direto, pode nos levar a fazer direto não importa o quê⁸. É um pouco isso, esse mundo em que é fácil fazer, é fácil chegar lá, é fácil substituir, é fácil transformar, inventar um aplicativo e transformar as históricas manifestações que ocorreram na Argentina, por exemplo, o 'panelaço' ou 'caçarolaço', uma manifestação muito política que envolve corpo, contato, olho no olho, voz, grito, marcha sobre a cidade, em uma brincadeira que você pega um dispositivo desse e fica brincando em casa e fazendo a sua maneira, segundo o seu menu, uma crítica pública à democracia, ao governo, ao sistema político, etc. Estamos vivendo um pouco esta esquizofrenia das liberdades, do modo de expressar, de viver em público. A midiatização é esse fenômeno complexo, porque ele é incompleto. É a processualidade. Não é um problema de um mundo de especialistas, dos jornalistas, é um problema de sociedade. A midiatização é uma questão de sociedade. Tudo isso vai colocar pautas para a gente discutir.



Elaine Schmitt/Pauta Geral

8 Faz referências ao livro *O ódio à democracia*, de Jacques Rancière (BOITEMPO, 2014)